

Longe de ser um tigre asiático

É possível crescer de forma acelerada sem que o País enfrente de novo problemas em seu balanço de pagamentos? Há alguns economistas que advertem que o Brasil está condenado a registrar taxas de crescimento de 3 a 4% ao ano por um longo período de tempo. A razão para isso seria a restrição do balanço de pagamentos.

Com a abertura comercial promovida pelo governo, que é fundamental para a estabilização dos preços, o Brasil não conseguirá mais registrar os mega-superávits comerciais da década de 80, que foram usados para pagar a conta de serviços (onde o item mais importante são os juros da dívida externa).

A tendência seria de obtenção de um equilíbrio na balança comercial, com o valor das exportações empatando com o das importações. Nesse caso, sobraría o buraco da conta de serviços (os gastos com o pagamento dos juros da dívida externa, com os fretes, seguros, remessas de lucro e dividendos e outras despesas correlatas) para ser financiado. Este ano esse buraco está estimado em torno de US\$ 19 bilhões.

Se o País não conseguir um



O Brasil teria que obter um expressivo aumento dos investimentos externos

saldo em moeda forte nas suas relações comerciais, o buraco da conta de serviços terá que ser coberto por investimentos externos diretos ou por empréstimos em moeda.

Alguém terá que bancar o déficit da conta de serviços. (Este ano o Brasil está sendo salvo pelos Dekasseguis — os brasileiros que trabalham no Japão — que vão enviar ao País algo em torno de US\$ 4 bilhões).

Muito bem.

O modelo macroeconômico desenhado pelo governo no início deste ano, principalmente depois da crise do México, previa um déficit em conta corrente (a soma da balança comercial e da conta de serviços) equivalente a 2% do Produto Interno Bruto (PIB), algo em torno de US\$ 10 bilhões. (As más línguas dizem que a meta era de um déficit de 8% do PIB, mas o colapso mexicano fez algumas cabeças coroadas caírem na real).

O governo argumentava que esse déficit de 2% do PIB seria facilmente financiável com os capitais internacionais. Mas essa meta pressupunha a obtenção de um superávit na balança comercial de US\$ 5 bilhões. O cenário foi ultrapassado pela explosão das importações do iní-

cio do ano.

Mas, vamos aceitar que o ocorrido no primeiro semestre não vá se repetir, e que seja possível, com a atual política cambial, obter um superávit comercial de US\$ 5 bilhões e manter o déficit em conta corrente em 2% do PIB.

A pergunta que precisa ser respondida é: essas condições permitem que a economia cresça quanto? Os documentos oficiais do governo, como a proposta orçamentária para 1996 e o Plano Plurianual (PPA), foram feitos com base numa estimativa de crescimento de 4% ao ano. (Muitos economistas consideram que um crescimento de 4% é incompatível com um déficit em conta corrente de 2% do PIB). Mas vamos aceitar que seja assim.

A questão relevante é que um crescimento dessa magnitude não colocará o Brasil na rota dos tigres asiáticos, que evoluem com taxas muito mais expressivas. Teremos um crescimento modesto, sem brilho, quase de país de primeiro mundo.

Hoje, aparentemente, a taxa de câmbio praticada talvez seja suficiente apenas para garantir um equilíbrio entre exportações e importações. E não um superávit de US\$ 5 bilhões. Veremos se isso é verdade ao longo dos próximos meses. Mas, se a situação na balança comercial for de equilíbrio, o déficit em conta corrente subirá para 3,5% do PIB (US\$ 17,5 bilhões).

É possível financiar esse déficit, sem instabilidade e sem des-

pertar o temor do mercado financeiro internacional de que um novo México está a caminho? Para que a situação continue tranqüila, o Brasil teria que obter um expressivo aumento dos investimentos externos diretos. Porque somente assim, não ficaria dependente dos capitais especulativos. Esse é o pulo do gato.

A situação atual do País lembra muito a década de 70. Naquela época, os ministros da Fazenda andavam de chapéu na mão atrás dos banqueiros para financiar a industrialização do País. Hoje, os ministros estão atrás de investidores estrangeiros para garantir o crescimento do País.

Quanto maior o crescimento, maior o déficit em conta corrente e maior a necessidade dos investidores estrangeiros. O País continua na mesma situação: com uma baixa taxa de poupança interna e dependendo da ajuda externa.

Os tigres asiáticos possuem alta taxa de poupança interna. Singapura, por exemplo, tem uma taxa de 49% do PIB. A China, tem 39%. A taxa brasileira anda se arrastando em torno de 18%, quando o ideal seria pelo menos 30%. Vamos rezar apenas para que as nossas autoridades não comecem a fazer uma nova dívida externa, já que a atual está equacionada.